

## O ENSINO DE LIBRAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO: METODOLOGIAS ATIVAS COMO FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

Darlan Roberto dos Santos\*

**Resumo:** A pesquisa refere-se ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em cursos de graduação em geral, de modo que profissionais de áreas distintas, como saúde, engenharias e educação, possam utilizar a Libras em seu cotidiano profissional, ainda que seja de maneira elementar. O estudo teve, como questão central, a abordagem de ferramentas pedagógicas aplicadas no processo de ensino-aprendizagem de Libras, visando ao maior domínio da língua, por parte dos discentes. Nesse sentido, foram exploradas duas metodologias ativas: a Sala de Aula Invertida (SAI) e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP). Além disso, o trabalho trouxe breve contextualização do ensino de Libras nos cursos de graduação, mediante a legislação vigente no Brasil e no âmbito das instituições de educação superior. A pesquisa, de natureza básica, exploratória e de cunho bibliográfico, permitiu melhor entendimento sobre as metodologias ativas e da abordagem comunicativa, aplicadas no processo de ensino-aprendizagem. Concluiu-se que os recursos pedagógicos abordados podem ser eficazes na otimização do ensino de Libras como segunda língua, por priorizarem a aplicação prática dos conteúdos, de modo que o aluno se torna protagonista do processo educacional, em atividades pragmáticas e voltadas para o uso cotidiano da língua de sinais.

**Palavras-chave:** Libras. Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem. Sala de Aula Invertida. Aprendizagem Baseada em Problemas.

### **TEACHING OF LIBRAS IN HIGHER EDUCATION: ACTIVE METHODOLOGIES AS PEDAGOGICAL TOOLS**

**Abstract:** The research refers to the teaching of Brazilian Sign Language (Libras) in graduate courses in general, so that professionals from different areas, such as health, engineering and education, can use Libras in their professional routine, even if it is in an elementary way. The study had, as its central issue, the approach of pedagogical tools applied in the teaching-learning process of Libras, aiming at greater mastery of the language by the students. In this sense, two active methodologies were explored: the Inverted Classroom (IC) and the Problem Based Learning (PBL). In addition, the work provided a brief contextualization of the teaching of Libras in undergraduate courses, according to current legislation in Brazil and in the context of higher education institutions. The research, of a basic, exploratory and bibliographic nature, allowed for a better understanding of the active methodologies and the communicative approach, applied in the teaching-learning process. It was concluded that the pedagogical resources discussed can be effective in optimizing the teaching of Libras as a second language, as they prioritize the practical application of the contents, so that the student becomes the protagonist of the educational process, in pragmatic and focused activities for everyday use of the language code.

**Keywords:** Libras. Active Teaching-Learning Methodologies. Inverted Classroom. Problem Based Learning.

## **Introdução**

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em cursos de graduação, de maneira que profissionais de áreas distintas, como saúde, engenharias e educação, possam utilizar a Libras em seu cotidiano profissional, ainda que seja de modo elementar. Entende-se que, independentemente de seu setor de atuação, o profissional deve participar do processo inclusivo de surdos e pessoas com deficiências auditivas, que têm, como primeira língua (L1), a Libras. Entretanto, para que a inclusão ocorra, torna-se necessário que tais profissionais aprendam, durante sua formação acadêmica, a Língua Brasileira de Sinais, de modo que ela se torne uma segunda Língua (L2). Porém, tal demanda esbarra em dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, razão pela qual é fundamental que se proponham ferramentas pedagógicas capazes de conduzir a um efetivo domínio dessa Língua.

O ensino de Libras tem respaldo legal, baseado na Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como L1 das pessoas surdas e garante o ensino bilíngue para os surdos. Essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que estabelece a inserção da Língua Brasileira de Sinais como disciplina obrigatória na matriz curricular dos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia. O Decreto nº 186/2008, por sua vez, aprovou a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência. Em 2010, a Lei nº 12.319 regulamentou a profissão de tradutor e intérprete de LIBRAS.

Conforme os documentos citados (que serão retomados adiante), cursos de graduação (bacharelados e licenciaturas) devem propiciar a aprendizagem de Libras. Mas o que ocorre, de fato, é que tal conteúdo, muitas vezes, fica restrito a disciplinas optativas e a cargas horárias reduzidas, de modo que os graduandos não se tornam fluentes em Libras e, nem mesmo, obtêm uma formação básica, que possa ser desenvolvida posteriormente. Isso significa que se aprende muito pouco sobre Libras nas faculdades, e dificilmente um aluno conclui o curso superior com aptidão para se comunicar, ainda que de forma elementar, com um indivíduo surdo ou com deficiência auditiva. Tal contexto

contribui para a exclusão social dos surdos, já que a comunicação é essencial para o pertencimento social.

Diante disso, o estudo em questão teve, como elemento norteador, o seguinte problema de pesquisa: Quais ferramentas pedagógicas poderiam ser aplicadas no processo de ensino-aprendizagem de Libras como L2, visando ao maior domínio da língua, por parte dos alunos de cursos de graduação? Pretendeu-se, assim, responder a essa questão, sem a pretensão de esgotar o assunto ou apresentar respostas definitivas e totalizantes. Tratou-se, principalmente, de instigar o debate sobre as metodologias ativas, como ferramentas que possam otimizar o ensino de Libras, como L2, em cursos de graduação, operando como ferramentas pedagógicas, a serem utilizadas pelos professores.

Em relação ao objetivo geral do trabalho, em consonância com o problema de pesquisa, o mesmo consistiu em apresentar ferramentas pedagógicas que possam ser aplicadas no processo de ensino-aprendizagem de Libras, visando ao maior domínio da língua, por parte dos alunos que a terão como L2. Já os objetivos específicos foram os seguintes: contextualizar o ensino de Libras nos cursos de graduação, mediante a legislação vigente no Brasil e no contexto das instituições (brevemente explanado); conceituar metodologias ativas e apresentar, como métodos aplicáveis ao ensino de Libras, a Sala de Aula Invertida (SAI) e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP).

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória, de cunho bibliográfico. O estudo mobilizou autores e pesquisadores voltados para a investigação do ensino de Libras e do uso de metodologias ativas na Educação Superior. Entre tais autores, destacaram-se: Witchs (2015), Bacich e Moran (2018), Azevedo e Vilela (2019), Melo (2017). Na seleção de referências bibliográficas, priorizou-se as produções disponíveis em bibliotecas físicas e virtuais e em plataformas acadêmicas digitais, tendo, como descritores, as seguintes palavras-chave: Ensino de Libras, Metodologias Ativas, Abordagem Comunicativa de Ensino; Ensino de Segunda Língua.

## **1 A Língua Brasileira de Sinais nos cursos de graduação**

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico, fundamental para a comunicação de surdos e pessoas com deficiência auditiva. Trata-se de uma língua com aspectos gestuais e visuais, apresentando complexidade similar a outras línguas. A comunicação em Libras ocorre por meio de sinais manuais e não manuais, baseados em uma gramática específica, que compreende posições e movimentos das mãos, pontos de articulação dos sinais (que ocorrem de acordo com posicionamentos no corpo e no espaço) e expressões corporais e faciais. Para os surdos, a Libras é considerada a “língua materna” ou primeira língua (L1). Para demais indivíduos, a Libras pode operar como uma segunda língua (L2), permitindo que ocorra uma comunicação clara e efetiva com pessoas com deficiências auditivas.

Dada a sua importância, a Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida legalmente, através da Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Posteriormente, a Libras foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626 de 2005. Em seus nove capítulos e 29 artigos, o decreto trata da inclusão da Libras como componente curricular, formação de professor e instrutor de Libras, uso e difusão da Libras e do Português para o acesso de pessoas surdas à educação, abordando, ainda, a formação do tradutor e intérprete de Libras, garantia do direito à educação, garantia do direito à saúde e papel do Poder Público no apoio e difusão da Libras. (BRASIL, 2005).

O artigo 10 do Decreto nº 5.626/2005 determina a inclusão da libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores, fonoaudiologia e de tradução interpretação. Já o artigo 12 trata da criação de cursos de pós-graduação para o ensino de Libras e sua tradução pelas instituições de educação superior, principalmente as que ofertam os cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras.

As legislações citadas representaram uma grande conquista para pessoas surdas, trazendo direitos como a manutenção de intérpretes nas escolas, para estudantes surdos, além da previsão do ensino da língua, nas escolas. Nesse sentido, o capítulo II, do Decreto 5.626/05, determina:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e

privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (BRASIL, 2005)

Assim, de acordo com a legislação brasileira, o ensino de Libras deve fazer parte da formação dos mais diversos profissionais, visando ao seu domínio, ainda que em nível básico ou intermediário, para que a comunicação com surdos seja facilitada, possibilitando que estes tenham sua participação na sociedade garantida, como qualquer cidadão brasileiro. Afinal, de acordo com Gesser (2012, p. 110), “além de símbolo de identidade social, as línguas de sinais funcionam como meio possível de interação social, dado que as pessoas surdas não ouvem”.

Quanto à definição legal, expressa na Lei nº 10.436:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002)

Mediante o exposto, a importância do ensino de Libras nos cursos de Ensino Superior (graduações e licenciaturas) pode ser explicada sob diversos aspectos. Certamente, um dos principais é a inclusão. O conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, por parte dos futuros profissionais, das mais variadas áreas, é essencial, para que a inclusão de pessoas com surdez – ou com deficiências auditivas, que utilizam a Libras – possam se fazer presentes na sociedade. O compartilhamento de uma língua potencializa isso, à medida que médicos, advogados, gestores e tantos outros profissionais sejam capazes de mobilizar a Libras em atendimentos, reuniões, atividades profissionais e demais contatos sociais.

Quanto aos cursos de licenciatura, indubitavelmente, a Língua Brasileira de Sinais deve ter papel de destaque, na formação de docentes e intérpretes, que irão atuar junto a crianças, adolescentes e adultos. Quando uma pessoa que

tem a Libras como L1 depara, em seu cotidiano escolar, com professores fluentes, o sentimento de pertencimento aumenta, assim como as possibilidades de melhores resultados no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, o que se observa, de um modo geral, é que, mesmo cumprindo as determinações legais e mantendo o conteúdo de Libras em suas estruturas curriculares, muitos cursos o fazem de maneira muito superficial, com uma carga horária mínima e concentrando-se apenas no nível básico de Libras (o que, no fim do curso, possibilita, no máximo, o conhecimento acerca do alfabeto de Libras e de comunicações elementares, como cumprimentos, expressar o próprio nome e palavras simples, como cores e dias da semana). Isso explica o fato de que, na sociedade, seja ainda muito reduzido o número de profissionais que realmente conseguem se comunicar em Libras. As poucas pessoas que realmente a têm como L2 são aquelas que buscam uma formação complementar, através de cursos de pós-graduação, licenciaturas em Libras ou capacitações.

Somam-se a esse contexto, dificuldades diversas no ensino da Língua Brasileira de Sinais, como a desmotivação de alunos e a utilização de estratégias pedagógicas e metodologias de ensino inadequadas/ineficazes. Debalde acrescenta:

Dentre os desafios que alguém interessado em aprender uma língua de sinais pode enfrentar é possível listar o domínio de diferentes configurações de mão; a combinação destas aos distintos movimentos e pontos de articulação no espaço e no corpo. Além desses elementos, o domínio do léxico, o uso de expressões não-manuais — faciais e corporais — e o domínio da estrutura gramatical podem ser somadas às dificuldades do estudante de uma segunda língua de modalidade visuo-gestual. Muitas dessas barreiras não são superadas por universitários que cursam uma disciplina de Libras com duração de sessenta horas semestrais. (WITCHS, 2015, p. 960)

Diante desse cenário, coloca-se o seguinte desafio: como otimizar a aprendizagem de Libras nos cursos superiores, nas cadeiras em que tal conteúdo é oferecido? É o que se propõe discutir no capítulo seguinte, tendo, como proposta de intervenção, a utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, mediante uma abordagem comunicativa de ensino da Libras.

## **2 Metodologias ativas no ensino de libras em uma abordagem comunicativa**

Na contemporaneidade, uma questão crucial, inerente à educação superior, refere-se à adoção de práticas pedagógicas que tornem o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e atrativo aos discentes. Nesse sentido, as metodologias ativas vêm sendo estimuladas, pelas instituições de ensino e pelo próprio Ministério da Educação, através das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Graduação.

Basicamente, as Metodologias Ativas incluem procedimentos e recursos didáticos e tecnológicos, que conferem protagonismo e autonomia aos alunos. Destarte, o estudante passa a ser o elemento central da aprendizagem, não apenas como receptor do conhecimento, ajudando a construí-lo, sendo, o professor, um mediador desse processo. Assim: “As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, criando, desenhando, com orientação do professor” (BACICH; MORAN, 2018, p.4).

Por conseguinte, com as Metodologias Ativas, a pedagogia fundamentada na estrita receptividade e absorção passiva de conhecimento cede espaço a uma educação na qual o discente é sujeito determinante de seu próprio aprendizado. Com base nessa perspectiva, a atual vertente educacional, que privilegia as metodologias ativas, baseia-se em:

[...] uma concepção educativa que estimula processos de ensino-aprendizagem críticos e reflexivos, nos quais o estudante participa ativamente e se compromete com seu próprio aprendizado. De maneira geral, as metodologias ativas se caracterizam por engajar o aluno em relação a novas aprendizagens, envolvendo-o em ações de compreensão, escolha e tomada de decisão. (MEDEIROS et al., 2014, p. 323)

Tal conduta adquire, no século XXI, grande visibilidade, sendo defendida por uma parcela considerável da comunidade acadêmico-científica, dirigentes das instituições de ensino e representantes de órgãos governamentais responsáveis pela educação. Assim, as metodologias ativas reforçam propostas de um ensino coerente com a época atual, na qual a educação formal não é mais vista sob a perspectiva de “transmissão de saberes” – conceito que cede lugar a

noções de compartilhamento, interatividade e de um lugar de protagonismo dos alunos, como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Enfim, como acrescenta Libâneo:

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informação, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono dos conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. O que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. (LIBÂNEO, 2011, p. 30)

A utilização de metodologias ativas, na disciplina de Libras, vai ao encontro da abordagem comunicativa, empregada no ensino de uma segunda língua. De acordo com Albres, tal abordagem pode assim ser entendida:

[...] em vez de ter como foco a aquisição da gramática da língua-alvo por parte do aluno, a abordagem comunicativa, como o próprio nome já diz, colocou como principal meta do processo de aprendizagem de uma nova língua as funções comunicativas, ou seja, as ações que os usuários de uma língua desempenham com e por meio delas. (ALBRES, 2012, p. 127-128)

Trata-se, portanto, de uma abordagem bastante pragmática no processo de ensino e aprendizagem, voltada para o uso da Libras no cotidiano: “A aula planejada de acordo com os princípios dessa abordagem é bem relaxante, pois os estudantes aprendem, naturalmente, especialmente porque a principal tarefa deles é interagir uns com os outros, ao invés de memorizarem regras e fazerem exercícios mecânicos” (ARAÚJO; DIAS; LOPES, 2016, p. 8).

Assim, busca-se desenvolver, nos alunos, habilidades de emissor e receptor, com foco na conversação. Quando a disciplina privilegia atividades acadêmicas que incluem diálogos, afinal, “permite, além de estabelecer uma comunicação mínima, conhecer e respeitar nossos pares (semelhantes), os surdos brasileiros” (SANTOS, 2015, p.120). A esse respeito, Alpendre e Azevedo acrescentam: “É necessário reconhecer que a língua só se manifesta verdadeiramente na forma de textos (ações comunicativas) e, portanto, são esses textos que devem ser objetos da atividade [...]” (ALPENDRE; AZEVEDO, 2008, p. 8).



Contudo, é fundamental que o docente tenha, como foco em suas aulas, a prática textual, entendendo-se que as mensagens orais também se configuram como textos, já que contemplam a correta utilização do código linguístico, para a organização de ideias e eficiente comunicação entre os indivíduos.

### **3 A Sala de Aula Invertida (SAI) e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): Metodologias aplicadas ao ensino de Libras como L2**

Embora seja uma metodologia bastante evidenciada na contemporaneidade, a Sala de Aula Invertida não é algo necessariamente atual. Na verdade, a SAI vem sendo aplicada desde o século passado, como atesta Valente: “A ideia da sala de aula invertida não é nova e foi proposta inicialmente por Lage, Platt e Treglia (2000), concebida como “inverted classroom” e usada pela primeira vez em uma disciplina de Microeconomia em 1996 na Miami University” (VALENTE, 2014, p. 86).

De modo simplificado, pode-se definir a SAI como uma prática pedagógica, na qual o professor disponibiliza previamente, para os alunos, todo o material referente à aula. Assim, o discente familiariza-se com o conteúdo antes do encontro em sala. Ocorre, então, uma espécie de inversão: o aluno estuda primeiramente em casa e, durante a aula, coloca os conteúdos em prática, em atividades propostas e mediadas pelo docente.

Ilustrando tal estratégia, aplicada ao ensino de Libras como L2, mobilizou-se, neste trabalho, relato de Azevedo e Vilela (2019). De acordo com esse estudo, a SAI vem sendo utilizada, com sucesso, nas aulas de Libras, em cursos de graduação da Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Segundo as docentes, “as vantagens de trabalhar com a sala de aula invertida no ensino de Libras como L2, é que o tempo de aula presencial é otimizado com práticas comunicativas, exploração da língua gestual por meio de brincadeiras e jogos” (AZEVEDO; VILELA, 2019, p. 9).

Assim, as autoras trazem uma perspectiva interessante acerca do ensino de Libras, relatando as experiências bem sucedidas, nas quais a carga horária das disciplinas de libras (geralmente, restrita a 30 a 60 horas por semestre letivo) é otimizada, graças à Sala de Aula Invertida. A proposta – bastante simples em

sua essência – é, portanto, privilegiar as atividades práticas e dinâmicas, nos horários das aulas, disponibilizando previamente os conteúdos para os alunos. Desse modo, as aulas configuram-se como um grande experimento de comunicação, simulando-se situações do cotidiano, com a utilização da Libras como código linguístico. Bergamann e Sams ressaltam que, com a SAI, o tempo de aula pode ser aproveitado de diversas maneiras, como simulações, atividades lúdicas e estudos de caso. Entretanto, “a única característica em comum de todas as salas de aula invertidas é a do desejo de redirecionar a atenção na sala de aula, afastando-a do professor e concentrando-a nos aprendizes e na aprendizagem”. (BERGAMANN; SAMS, 2019, p.89)

Tal perspectiva é inovadora, por fazer, dos alunos, os verdadeiros protagonistas no processo de ensino-aprendizagem de Libras. Assim, a possibilidade de verdadeira assimilação da nova língua aumenta, já que as aulas se afastam de estratégias centradas na memorização, aproximando-se da prática da Língua Brasileira de Sinais.

Além da Sala de Aula invertida, outra metodologia ativa adaptável ao ensino de Libras como L2 é a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), do inglês Problem Based Learning (PBL). Segundo Ribeiro (2005), a metodologia PBL (como é comumente chamada) foi utilizada, inicialmente, em cursos da área da saúde, na década de 1970, na Universidade de McMaster, no Canadá. Docentes constataram que os graduandos, embora tivessem grande bagagem teórica, careciam de instrumental para tomada de decisões, como avaliação de pacientes e definição de procedimentos, nas situações reais. Isso porque, conforme Ribeiro, “formandos estavam deixando os cursos com muitos conceitos, mas com poucos comportamentos e estratégias associados à aplicação de informações a um diagnóstico” (RIBEIRO, 2005, p. 32). Assim, surgiu a concepção de ensino-aprendizagem apoiada na resolução de problemas (reais ou fictícios), levando os alunos a uma série de ações, envolvendo coleta de dados, análise da realidade, confronto entre teoria e prática, levantamento de hipóteses e tomada de decisões. Conforme Casale:

O PBL muda o foco do ensino para a aprendizagem, pois, além de estar centrado na resolução de problemas, promove a aprendizagem via atividade e descoberta, de modo que os estudantes interagem com os membros do grupo, engajados

com o conteúdo do curso em uma iniciativa compartilhada de aprendizagem pela descoberta. (CASALE, 2013, p. 38)

Desse modo, corrobora Melo et al. (2017), a Aprendizagem Baseada em Problemas mostra-se ideal para a abordagem de conteúdos relacionados ao cotidiano, como o ensino de línguas, instigando os alunos a tomarem decisões, tal como devem fazer no ambiente extraclasse. Trata-se de uma oportunidade de aplicação dos conteúdos adquiridos nos momentos expositivos das aulas, o que, segundo Moran, é fundamental em qualquer conteúdo lecionado: “Se quisermos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar resultados com apoio de materiais relevantes” (MORAN, 2015, p.17).

Em relação ao ensino de Libras como segunda língua, o estudo de Santos, Dosea e Andrade (2018) traz considerações pertinentes, sobre uma metodologia de ensino adequada. Conforme as autoras, a Aprendizagem Baseada em Problemas vem sendo aplicada no ensino de Libras, para graduandos em cursos da área da saúde, com grande êxito. Ao pesquisarem 16 relatos de cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Odontologia, foi observado que a metodologia apoiada na resolução de problemas foi mencionada como a mais produtiva. Assim, as autoras concluíram que:

O PBL é efetivo principalmente quando diz respeito ao desenvolvimento de habilidade e raciocínio, que no caso da Libras é muito importante no contexto da aplicabilidade dos sinais. É necessário destacar que o pensamento crítico e habilidade de resolver problemas estão sendo reconhecidos no ambiente acadêmico. (SANTOS, DOSEA, ANDRADE, 2018, p. 8)

Ainda, segundo as autoras, o PBL parece motivar mais os discentes:

As metodologias ativas vêm para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, tornando-a mais interessante, de modo que desperta maior interesse para a disciplina. (...) As metodologias ativas possibilitam uma leitura de intervenção consciente da realidade no processo de construção coletivo dos mais diversos conhecimentos; a liberdade do processo de pensar e o trabalho em equipe atraem o aluno para conhecer melhor as particularidades da Libras. (SANTOS, DOSEA, ANDRADE, 2018, p. 9)

Como exemplos dos problemas explorados na metodologia PBL, em aulas de Libras, tem-se as situações do cotidiano de cada profissional, que são simuladas nas aulas, devendo, os alunos, utilizarem a Língua Brasileira de Sinais como código linguístico. Assim, os alunos devem ser capazes de interagir com surdos, reproduzindo ações do cotidiano profissional para o qual estão sendo preparados. No caso de cursos da área de saúde, tais ações incluem a abordagem de pacientes, realização de consultas e exames etc. Ademais, o PBL pode ser aplicado nas aulas de Libras em outras áreas de graduação, bastando, para isso, que os problemas propostos em aula sejam adaptados ao cotidiano de cada profissão, como Direito, Administração e licenciaturas em geral.

Por fim, embora não seja o foco do presente trabalho, cabe, ainda, ressaltar a pertinência de atividades de pesquisa e extensão, que podem complementar o ensino de Libras nos cursos de graduação. Tais experiências permitem maior aproximação com a realidade e a aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, no que se refere à L2. Exemplo disso são os grupos de estudo e conversação, organizados por instituições de ensino e até de modo proativo, por parte de estudantes.

Witchs (2015) apresentou, em sua pesquisa, observações positivas acerca de um clube de Libras, viabilizado por professores e acadêmicos, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, na cidade de Pedro Leopoldo, no Rio Grande do Sul. De acordo com o autor, a iniciativa pode servir de inspiração para outros estudantes e profissionais, ao privilegiar a utilização da Libras. Witchs discorre sobre as atividades realizadas no clube:

As práticas de interação geralmente eram iniciadas com um elemento mobilizador. Filmes de curta-metragem, notícias ou pequenas crônicas serviam como desencadeadores de uma discussão em língua de sinais no grupo. (...) Dentre outras práticas realizadas nesses encontros de interação, estavam atividades de construção de diálogos em pares ou trios, bem como construção e apresentação de narrativas em Libras. (WITCHS, 2015, p. 960)

Experiências que envolvem metodologias ativas, aulas baseadas na abordagem comunicativa e iniciativas extraclasse, como os clubes de conversação, podem tornar a aprendizagem de Libras mais efetiva, ampliando,

inclusive, o interesse pela Língua Brasileira de Sinais, além de fomentar a inclusão dos surdos na sociedade.

### **Considerações finais**

A pesquisa permitiu ampliar os conhecimentos sobre o ensino de Libras e sua importância no contexto acadêmico de cursos de graduação. A respeito do objetivo geral do trabalho, considera-se que o mesmo foi alcançado, já que os estudos apontaram para duas ferramentas pedagógicas que podem ser aplicadas no processo de ensino-aprendizagem de Libras, visando ao maior domínio da língua, por parte dos alunos que poderão utilizá-la como uma segunda língua (ou que necessitem mobilizá-la em situações profissionais, ao se relacionarem com pessoas surdas). Trata-se da Sala de Aula Invertida (SAI) e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP).

Entendeu-se que ambas metodologias podem ser boas opções para o ensino de Libras, por priorizarem uma abordagem comunicativa de ensino, na qual o aluno torna-se protagonista do processo educacional, em atividades pragmáticas e voltadas para o cotidiano. Quanto aos objetivos específicos, foi possível ressaltar a importância da legislação vigente no Brasil, enquanto sistematizadora do ensino de Libras nas instituições de ensino, ainda que, na prática, persistam muitos desafios para a efetiva implementação da Língua Brasileira de Sinais como uma L2.

Cabe reforçar que, na Sala de Aula Invertida e na Aprendizagem Baseada em Problemas, assim como em outras estratégias de metodologias ativas, embora o protagonismo durante as aulas seja assumido pelos discentes, o papel do professor de Libras é fundamental. Cabe, a ele, conduzir as práticas pedagógicas e auxiliar os alunos durante todo o processo.

Para a ampliação desta pesquisa e a realização de futuros trabalhos, coloca-se a necessidade de aprofundar o debate centrado na otimização do ensino de Libras nos cursos de graduação, de modo que profissionais das mais diversas áreas possam, em sua formação, adquirir os conhecimentos necessários para maior interação com pessoas surdas e indivíduos com deficiência auditiva, que têm a Libras como L1. Nesse sentido, os estudos sobre

as metodologias ativas são fundamentais, podendo contribuir para que o ensino de Libras se torne, cada vez mais, efetivo, ultrapassando o nível elementar e possibilitando o uso extensivo da Língua Brasileira de Sinais.

## Notas

\* Doutor em Letras, pesquisador do Programa de Bolsa de Iniciação Científica da Fundação Presidente Antônio Carlos (Fupac/Lafaiete), fenixdr@gmail.com.

## Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Ensino de Libras como segunda língua e as formas de registrar uma língua visuo-gestual: problematizando a questão. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/6e9e138e1df0292c48e355324465cb64.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ALPENDRE, Elizabeth Vidolin; AZEVEDO, Hilton José Silva de. **Concepções sobre surdez e linguagem e a aprendizagem de leitura**. Curitiba: PDE, 2008, 230 p.

ARAÚJO, Alyne Ferreira de; DIAS, Daise Lilian Fonseca; LOPES, Francisco Edson de Freitas. Integrando as quatro habilidades linguísticas no ensino de língua inglesa. **Realize**, v. 1., 2016, p. 1-14. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/trabalho\\_ev056\\_md1\\_sa16\\_id4607\\_14082016134318.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/trabalho_ev056_md1_sa16_id4607_14082016134318.pdf)>. Acesso em: 28 de mar. 2022.

AZEVEDO, Adriana Barroso; VILELA, Elaine. A sala de aula invertida no processo de formação docente para o ensino de Libras como L2. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 25., 2019, Poços de Caldas. **Anais...** Poços de Caldas: Abed, 2019. o a Distância, 2019. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2019/anais/trabalhos/34280.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018, 430 p.

BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: Uma metodologia ativa de aprendizagem**. Tradução de Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2019, 141 p.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES no 492, de 3 de abril de 2001**. Diretrizes Curriculares Nacionais, curso de Letras. Brasília: CNE/CEB, 2001.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 02 abr. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 23 dez. 2005. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 03 abr. 2022.

CASALE, Adriana. **Aprendizagem Baseada em Problemas**: desenvolvimento de competências para o ensino de Engenharia. 2013. 162 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) –Departamento de Engenharia de Produção da Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

GESSER, Audrei. **Libras?** que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, 87p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissionais docentes. São Paulo: Cortez, 2011, 104 p.

MEDEIROS, Amanda Marina. et al. **Docência na socioeducação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, 348 p.

MELO, Níebla. Et al. Metodologia da problematização e aprendizagem baseada em problemas na odontologia: análise bibliométrica dos trabalhadores aposentados nas reuniões da SBPqO. **Revista da ABENO**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 60-67, 2017. Disponível em: <<https://revabeno.emnuvens.com.br/revabeno/article/download/413/291/2135>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofélia Elisa (Orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania**: aproximações jovens. v. 2. Ponta Grossa: PROEX/UEPG, 2015, p. 15-33. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran.pdf](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf)>. Acesso em 02 abr. 2022.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo. **A aprendizagem baseada em problemas (PBL)**. São Carlos: UFSCar, 2005, 236 p.

SANTOS, Emmannulle Félix. **O ensino de Libras na formação do professor**: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana. 2015. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.

SANTOS, Hortência; DOSEA, Giselle; ANDRADE, Maria Eliane. Importância da utilização das metodologias ativas no ensino de libras para profissionais da saúde. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 11., 2018, Aracaju. **Anais...** Aracaju: Enfope, 2018. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/8765/3830>>. Disponível em 02 abr. 2022.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 4, p. 79-97, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2022.

WITCHS, Pedro Henrique. Clube de Libras: interação e aprendizagem de língua de sinais como segunda língua. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LINGUAGEM E INTERAÇÃO. 3., 2015, São Leopoldo (RS). **Anais...** São Leopoldo (RS): Casa Leiria,

*O ensino de Libras em cursos de graduação: metodologias ativas como ferramentas pedagógicas*

2015. v. 3. p. 952-964. Disponível em: <<https://www.unisinos.br/eventos/iii-congresso-internacional-linguagem-e-interacao-ex121701>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

Recebido em: abril/2022.  
Aprovado em: novembro/2022.